

O atentado da vereação contra o pessoal do Município

A última resolução do senado municipal de Lisboa em relação aos salários dos trabalhadores do município, foi vergonhosa. O princípio estabelecido e aprovado pela maioria democrática foi este: quem tem dívidas não se paga.

E quando essas dívidas são sagradas e representam o suor, o sacrifício, o trabalho de quem só do trabalho vive, uma resolução desta natureza não nos provoca apenas o sorriso de desdém que nos merecem os maus pagadores, provoca-nos a revolta.

Não se brinca assim com o pão de centenas de famílias. A Câmara Municipal comprometera-se oficialmente em Abril do ano passado, há mais de um ano, portanto, a aumentar em 40 % os salários dos seus operários.

Ora, até à data esse aumento nunca se materializou, isto é, os operários contando com o pagamento desse aumento, concedido e aprovado, como os seus salários fossem miseráveis foram fazendo dívidas, confiados em que a Câmara mais tarde ou mais cedo lhes pagaria a avultada dívida.

Nunca os operários puderam conceber sequer que houvesse uma instituição com tão grande falta de decência, com tanta desvergonha que resolvesse não pagar o que se comprometera a pagar.

Apenas as minorias tentaram opor-se a este crime. Mas os senhores democráticos, por política, por falta de consideração para com os trabalhadores, fecharam os olhos à razão, à justiça e à lógica e tomaram aquela resolução—que é única em toda a parte do mundo.

Quem se distinguiu na asneira que não tem a desculpa-la nem uma sombra de critério? Homens como Daniel Rodrigues, Alfredo Guizado, Martins Cabral e outros, que sabem perfeitamente que uma dívida não se nega com mesma facilidade com que os senhores vereadores compram quatro automóveis para andarem a passear sobre os pavimentos novos, como andaram no domingo próximo passado.

O pessoal não está disposto a abdicar a dívida. Porque se é vergonhoso haver vereadores capazes de negarem uma dívida sagrada, mais vergonhoso seria ainda o pessoal desistir de receber o que logicamente lhe pertence.

PESSOAL DO MUNICÍPIO

Para a Comissão de Melhoramentos do Sindicato do Pessoal do Município dar conta à classe do resultado das suas «demarches» junto da vereação, realizou-se hoje, pelas 21 horas, a assembleia magna.

Um grupo de jovens operários pediu a comparsa da mocidade operária nesta sessão a fim de inteirar-se da situação do aludido pessoal.

A comemoração dos fusilamentos dos Olivais

Dessejando comemorar, condignamente, esta data das maiores atrocidades da polícia, o Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa enviou-nos, para lhe darmos publicidade, a seguinte nota:

Passando no dia 29 a data memorável do trágico fusilamento de três camaradas dos Olivais, crime este levado a efeito por sicários da polícia, o Núcleo das Juventudes Sindicalistas de Lisboa leva a efeito uma sessão de protesto à qual convida a assistir a C. G. T., a C. S. do Trabalho, a F. J. Sindicalista, bem como todos os organismos revolucionários. O local será indicado no próximo número de A Batalha.

O Secretariado Central

Notas & Comentários

Livros novos

Henrique Costa, bela pena de escritor, apesar de novo, acaba de publicar um interessante livro de crónicas, Terra Mater, no qual ergue verdadeiros hinos à paisagem portuguesa. A edição, cuidada, é da Parceria António Maria Pereira.

«O Espectro de Buça»

Roberto das Neves, um novo cheio de talento e um coração sensível e pleno de ternuras pelos humildes e pelas vítimas das injustiças sociais, estudante de Letras em Coimbra, acaba de publicar um poema admirável—O Espectro de Buça. É inspirado na tragédia das deportações e editado pelo Comité pró-pressos por questões sociais. O livro, que é escrito com alma e com inteligência, custa apenas um escudo, reverendo o produto da venda a favor dos deportados.

Compor e rasar...

A Epoca publicou um anúncio pedindo um compositor, que seja simultaneamente impressor, para trabalhar numa casa católica da província.

No mesmo anúncio reclama-se também informações sobre o comportamento moral e religioso do profissional gráfico que responda ao anúncio.

Isto revela bem a tucanhez de espírito do anunciante que pretende que o operário que lhe aluge os braços tenha a sua consciência hipotecada pelas misérias e podridões místicas do catolicismo. Como se vê ora os católicos industriais o direito à vida deve pertencer exclusivamente aos que vão à missa e trazem a virgem no bolso das calças. Haverá alguém suficientemente subserviente que não se envergonhe de responder a este insolente e insultuoso anúncio?

A volta a Portugal

Visitaram-nos António Inácio Júnior e Francisco Vicente Matos, rapazes novos, escoteiros, ainda cheios das belas ilusões da mocidade, que iniciaram em 27 de Abril do ano findo a volta a Portugal tendo a terminada ontem de manhã. Pertencem ao Corpo de Socorros Voluntários Vasco da Gama. Andaram ao todo 10.875 quilómetros. Agradecemos a visita e fazemos votos para que tão bela energia agora empregada em percorrer o país continue a ser dedicada às causas de humanidade que o título da corporação a que pertencem sugere.

As grandes cidades populosas

NEW YORK, 26. — O último censo da população desta cidade acusa 5.924.000 habitantes; Chicago tem 3.048.000; Filadélfia, 2.068.000 e Detroit, 1.790.000.—(L.)

A CRISE NO ALGARVE

As «parelhas» espanholas, com os seus processos de extermínio do peixe, são o principal factor da falta de sardinha e da crise de trabalho

(Do nosso enviado especial ao Algarve)

OLHÃO.—Dissemos no nosso número de domingo que as «parelhas» espanholas são o principal factor da falta de peixe na costa do Algarve e da concomitante crise de trabalho naquela vasta província. Explicamos hoje os porquês.

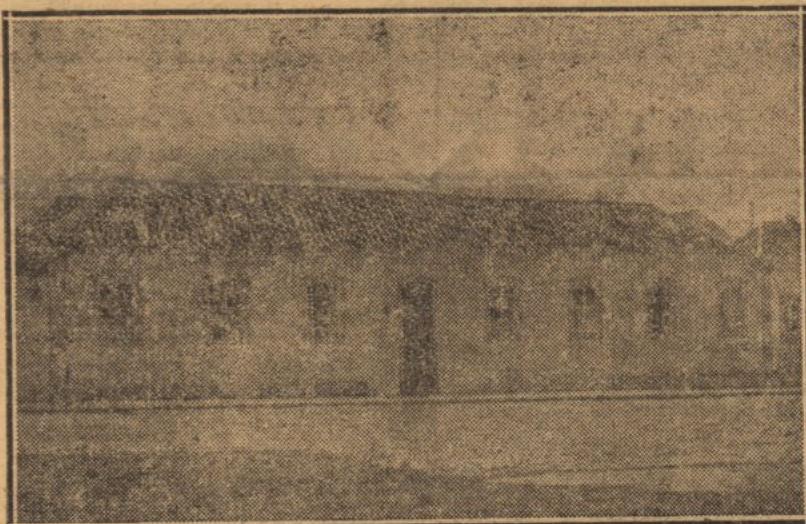
Há no Algarve quarenta e dois vapores de pesca de sardinha e outros peixes miúdos com redes chamadas de cerco americano. Cada vapor tem uma tripulação em média de noventa homens, incluindo os que trabalham na reparação de redes nos armazéns. Considerando que em média cada família de gente marítima é de seis pessoas, o número de pessoas directamente

nha do litoral. E depois em que condições é que é feita essa pesca?

As redes das «parelhas» coladas ao fundo do mar arrastam na sua voragem tudo quanto encontram. Nessa obra de extermínio, limos, ostras, vieiras e vários moluscos que são o alimento do peixe são levados pelas redes. O peixe, uma vez sem comedouros emigra, em demanda dos recursos para viver.

Dai a falta tão acentuada que há um ano se tem feito sentir em toda a costa do Algarve, falta que é causa de alguns trágicos episódios a que na devida altura faremos menção.

Falemos agora da forma como é exercida



A escola oficial de Olhão

interessadas na pesca dos cercos por parte da classe trabalhadora é de 22.680.

Além da pesca dos cercos há a pesca das «sacadas» que é feita em parceria dos próprios marítimos, e a pesca do alto chamada de «caçada» que em regra também é feita em parceria de marítimos.

Em Olhão, que possui 14 vapores, são muito numerosas as «sacadas» e as «caçadas», podendo calcular-se em 3.000 o número de marítimos empregados nestas artes, número que segundo a média de 6 pessoas por família nos dá a considerável cifra de 18.000 pessoas.

A pesca das «caçadas» e das «sacadas» é gravemente afectada pelas chamadas «parelhas» espanholas, que são artes de arrasto a vapor formadas pela reunião de dois barcos. As «parelhas» são em número superior a 30 e a sua invasão nas águas portuguesas é constante.

Pelo que deixamos narrado adivinha-se que a pesca dos cercos americanos não se dá sempre muito prejudicada pela pesca dos cercos espanhóis. As classes que concernem à maritima são por sua vez directamente atingidas pela acção das «parelhas» em virtude do peixe pescado por estes aparelhos não ficar em Portugal!

Agora vejamos outra modalidade da questão: os cercos espanhóis e as «parelhas» da mesma nacionalidade, que em frente da costa de Portugal só poderiam pescar de 6 milhas para fora invadem as águas portuguesas em todos os pontos chegando a pescar a poucos metros de distância da li-

a fiscalização na costa algarvia pelas autoridades portuguesas.

Só por ironia se pode considerar como existente um corpo de fiscois na costa do Algarve. É verdade que nas águas da referida costa estão os barcos «Tenente Roby», «Quanza», «Lidador», «Rafael Cascais» e outros. Mas para que vale a sua presença no Algarve se os espanhóis infringem todas as convenções: morais, económicas e jurídicas?

Falando nós há dias em Faro, com um rapaz marítimo que foi em tempos praça da armada e pertence à tripulação da canhoneira «Lurio», soube por ele que não há fiscalização na costa. Os barcos para esse serviço estão silenciosos, mergulhados mesmo na mais profunda letargia. Entretanto os espanhóis vão levando o pouco peixe e as populações do litoral morrendo de fome!

Um outro elemento, este agora de superior categoria social, revelou-nos coisas assombrosas, narrou-nos factos que comprometem assazmente esses pretensos fiscalizadores. Mas hoje ainda é cedo para pôr a nu a infamia máxima de algumas das autoridades portuguesas. Ela virá na devida e conveniente oportunidade.

Chega hoje a Lisboa a comissão delegada do povo trabalhador algarvio que vem entregar aos poderes constituídos as reclamações aprovadas em comícios públicos sobre a crise de trabalho que afecta a província do Algarve.

E' amanhã

que «A Batalha» começa a publicar as memórias do cabo de polícia 123

A Batalha anunciou há dias a publicação das «Memórias de um polícia». Vai cumprir a promessa. Foram escritas pelo guarda que teve naquela corporação o n.º 1115 e depois, como cabo, o n.º 123. Apesar de ter servido durante alguns anos num meio onde os sentimentos se de humanidade e de justiça não facilmente obliteram, o ex-123, embora não professe ideais avançados, é entretanto um revoltado contra todas as injustiças.

O facto de não professar as nossas ideias mais à vontade nos coloca para a publicação do seu manuscrito que revela factos tremendos. Certas afirmações têm mais valor na boca de pessoas que não professam ideias de crítica social do que na nossa.

Compreende-se que A Batalha ataque com o entusiasmo das ideias que defende uma instituição de carácter burguês e contrária ao avanço do proletariado. Mas quando a voz de protesto se ergue das fileiras adversas para, com uma independência notável, rara no nosso tempo, flagelar erros de uma corporação, não por discordância da sua existência mas por entender que exorbita das suas funções, os seus argumentos e as suas acusações valem o dobro.

Os leitores de A Batalha vão encontrar nas memórias do polícia referido factos que, por serem apontados por um polícia, nos dão a nós, que não somos polícias nem concordamos com a sua existência, uma autoridade moral maior.

As memórias do cabo 123 começam a ser publicadas amanhã em A Batalha.

Um vulcão em erupção

TOQUIO, 26. — Uma súbita erupção do vulcão Tokachi surpreendeu as povoações circunvizinhas, calculando-se em mais de 3.000 o número de vítimas e em avultada soma os prejuízos causados.—(L.)

A moral dos «apóstolos» de Fátima

Em Zibreira enlouqueceu uma mulher devido às extorsões que contra ela praticaram dois padres de Leiria

TORRES NOVAS, 25.—Vimos hoje trazer ao conhecimento dos nossos leitores mais um crime praticado pelo bando dos empresários da ignóbil exploração de Fátima.

Chegaram há dias ao nosso conhecimento que na vizinha freguesia de Zibreira apareceram dois missionários que, além da sua obra de propagação de doutrinas de crime e de embrutecimento, tinham praticado uma vergonhosa extorsão de que resultou o enlouquecimento duma mulher casada e com dois filhos. Resolvemos inquirir pormenorizadamente desta infâmia a fim de evitar que os empresários de Fátima se não arrogassem a cinica audácia de nos desmentirem. Falámos com o sr. Januário dos Santos que é pai da criatura ludibriada pelos missionários. É um pobre velho que logo, às nossas primeiras palavras, amarguradamente nos disse:

—Aqueles dois marotos foram a desgraça da minha casa e a perdição da minha querida filha.

Falámos nessa altura o sr. Januário dos Santos: tinha os olhos rasos de lágrimas!

—Se quizesse dizer-nos o que se passou para o relatar-nos na Batalha... dissemos receando uma recusa.

—Ainda bem—respondeu-nos o nosso entrevistado—que o senhor é desse jornal.

Eu até quis contar o que se passou no Alameda de Torres Novas, mas como este jornal é dos sujeitos que fazem as peregrinações a Fátima desisti pois eles não consentiriam na divulgação da infâmia cometida pelos missionários.

—O caso—prosseguiu ele—deu-se no dia 30 de Janeiro pretérito.

A minha filha Clementina Craveiro era um pouco religiosa e quando lá estiveram os patifes dos missionários ela mandou-lhes dizer uma missa e um sermão. Os missionários pediram 40 escudos pelo sermão e 10 pela missa. Ela como não tinha dinheiro foi tirar 100 escudos que pertenciam a meu neto e levou-os para satisfazer a exigência dos missionários.

—Ela entregou-lhes a nota dos 100 escudos...

—E depois...

—Reclamou os 50 que lhe tinham de devolver, visto que o ajuste fora dado. Porém, os missionários recusaram-se terminantemente, a pesar de serem muito instados, a entregar os 50 escudos a minha filha, —Em face disso...

—Minha filha convenceu-se que aqueles ladrões nunca mais lhe dariam o dinheiro que lhe tinham roubado. Seu filho que não soubera do caso perguntava-lhe a miúdo o destino que do dinheiro tinha levado. Ela então começou a andar muito triste, encobrindo sempre o roubo de que tinha sido vítima. Dia a dia sua tristeza aumentava, a ponto de me causar grandes inquietações, até que há dias ela começou a sofrer ataques de loucura, de loucura furiosa, visto que mostrava tendência para cometer agressões.

—Chamaram algum médico?

—Chamámos vários, uns após outros. Mas todos eles nos declararam nada podermos fazer. Aconselharam apenas a que levássemos para Rilhafoles.

—Recorda-se do nome dos missionários que praticaram essa infâmia?—preguntámos.

—Sei que um deles é o padre Luís, de Leiria. O nome do outro é que me esqueceu totalmente.

—Sua filha é casada?

—É. E tem três filhos de tenra idade.

Soubemos ainda do nosso entrevistado que sua filha se encontra internada na enfermaria n.º 3 de Rilhafoles.

A esta conversa assistiu o sr. José dos Santos Torrinha, moleiro em Zibreira e que confirmou serem verdadeiras as declarações que nos fez o pai da vítima. Foi ele quem conduziu numa carroça a desventurada Clementina Craveiro à estação do Caminho de Ferro, quando ela partiu para Lisboa, a fim de ser internada em Rilhafoles.

O marido de Clementina Craveiro, exasperado com a loucura da mulher e por ver os seus filhos sem mãe, chegou a tentar suicidar-se, o que não levou à prática devido à vigilância e à influência de várias pessoas que lhe fizeram sentir o erro que ia cometer, erro de que seriam também vítimas três crianças.

Os reacçãoários, que são aqui uma maçonaria poderosíssima, fazem os maiores esforços por abafar este escândalo e continuam dispensando toda a consideração aos dois padres ladrões, a quem as romarias que organizam a Fátima subiram à cabeça, a ponto de se suporem senhores dos haveres e das vidas de toda a gente. Aqui têm os leitores mais um crime que revela bem a podridão dos exploradores dos milagres de Fátima.

Oxalá que o povo abra depressa os olhos para que estes ladrões de sotaina sejam tratados como merecem!

O conflito entre a Câmara e a Companhia do Gás

Os municípios não são obrigados a pagar pela energia eléctrica

quantia superior à fixada pela Câmara

Há meses a Sociedade Companhias Reunidas de Gás e electricidade, como noticiámos, pretende elevar arbitrariamente e ilegalmente aos municípios o preço da energia eléctrica, mas a Comissão Executiva da Câmara Municipal, em sua sessão de 14 de Janeiro último, fixou o preço de 1977 por kw, durante o primeiro trimestre do corrente ano, aconselhando os consumidores a não pagarem mais do que aquela importância. A Companhia levou recurso para o tribunal, mas desistindo, até que ele se pronunciasse em definitivo, ir cobrando dos consumidores a importância que arbitrariamente fixara como preço da energia eléctrica requereu para o Contencioso Administrativo a suspensão da referida deliberação da Comissão Executiva, alegando que da sua execução lhe resultariam danos irreparáveis porque levava os municípios a não pagarem em tempo e pelo preço que a Companhia fixasse a electricidade consumida, sendo depois impossível haver débitos a importância em dívida. Não concordou, porém, a Auditoria Administrativa com a alegação apresentada pela Companhia de danos irreparáveis e assim ontem a Comissão Executiva recebeu a cópia do despacho da mesma Auditoria do seguinte teor:

«Não me parece que da execução da deliberação reclamada resulte para a Sociedade reclamante dano irreparável ou de difícil reparação, visto que se me afigura a alegada impossibilidade de vir a receber dos consumidores a diferença de preço, se afinal a reclamação for julgada procedente, pois é certo que a Sociedade reclamante tem na sua mão forma fácil de obrigar o consumidor a pagar o legal, forma que vulgarmente atende a prática. O que se me afigura de difícil reparação seria o dano que aos municípios acarretaria o pagamento por quantia superior a que a final venha ser julgada legal, pois então sim, seria de grande dificuldade receberem da Sociedade reclamante a diferença respectiva.»

A religião ao serviço da propriedade privada

BERLIM, 26.—Os pastores da igreja protestante prussiana publicaram um manifesto contra a expropriação dos bens das ex-famílias reinantes. O manifesto é semelhante à carta pastoral recentemente publicada pela igreja católica bávara, que considera a expropriação como uma violação do sétimo mandamento.—(L.)

Lede o Suplemento de «A Batalha»

Em nome da Pátria...

A palavra «pátria» anda em todas as bocas e justifica todas as acções; não há outra de que se abuse tanto.

Abre-se um jornal e aparece logo o grave e importante artigo político defendendo as mais absurdas teorias, para honra e felicidade da pátria, segundo o imediatamente o negociante anunciando drogas venenosas, mas patrióticas.

Não há lei que não seja inspirada pelos «sagrados interesses da pátria»; não há bandido que não justifique as suas proezas em nome do patriotismo; não há despota que se não firme sobre o terreno glorioso do «bem público»; não há impostos, não há carga, não há servidão que não caia sobre os ombros do povo para bem da independência, da providência, do bem-estar nacional.

Um tirano, um tzar qualquer deseja mandar a quaisquer Balkans distantes, o maldito, alguns milhares de criaturas? E a glória e a honra da pátria que o exigem. O próprio despota encarna a pátria: desobediência é crime de alta traição. Ele é que é a pátria.

Um sindicato de exploradores provoca um litígio acerca dum território? Um bando de aventureiros origina uma revolta ou quer saquear a seu gosto? Filhos da pátria, às armas! A pátria está em perigo! Ide morrer por ela!

Um governo decreta a lei do serviço militar obrigatório ou tenta aplicá-la, isto é, procura amontoar a mais vigorosa e útil juventude do país em vitrosos de embrutecimento e desmoralização? Excelentes jornalistas desatam a clamar que é segurança e a independência da pátria que o exigem.

Em nome da pátria, patriotas satisfeitos roubam e exploram amados compatriotas, montam empresas lucrativas, em nome da pátria, são fuzilados operários que pedem um pouco mais de pão... podendo assim arruinar a indústria nacional; em nome da pátria, da prosperidade do país, pedem-se e votam-se leis proibitivas, alfândegas e passaportes.

Proteji o «trabalho nacional», patriotas... morrendo de fome.

Em nome da pátria foi que em França se combateu e caluniou a «liga anti-alcóolica» que viria arruinar uma indústria «nacional».

Há uma só coisa que não se faz em nome da pátria: é assegurar a todos os seus pretendidos filhos, em prêmio do seu trabalho, um quinhão justo de bem-estar e de liberdade. Para isso, a pátria mostra-se impotente.

E infelizmente o proletariado ainda se deixa guiar bastante por ódas declamações. E por meio de sonoras palavras—amor da pátria, independência nacional, dedicação patriótica—que os exploradores (dispondo aliás de outros meios poderosos) conseguem manter o proletariado numa condição abjecta que será a vergonha desta época chamada de civilização e de progresso.

Dizem ao cidadão que ele é livre, autónomo, independente, que ele goza de todas as regalias. Mas, em verdade, onde estão essas regalias, essa liberdade? Não está a pátria dividida em classes de homens de tal forma que uns dispõem de tudo e os outros são obrigados a vender os braços por uma miséria a fim de poderem comer?

E se o proletariado consegue um sopro de liberdade, uma migalha de bem-estar é a pátria que lhe dá isso? Não. Ele é quem o conquista pelo seu penoso e sangrento esforço, contra a avidez e ferocidade dos verdadeiros possuidores da pátria. A pátria só lhe dá chumbo e cadeia, miséria e opressão.

Se interrogamos um declamador patriota sobre o que é a «pátria», vêm-nos imediatamente embaralhado, gaguejando, mastigando palavras misteriosas e indecisas. Ninguém conseguiu ainda definir de modo seguro e positivo o «pátria» em cujo altar se têm imolado tantas vítimas humanas. Que é a pátria? Porventura o sabes tu, leitor? Conheces quem o saiba? Há por aí alguém que nos possa dizer?

Seria um homem de valor, porque até hoje ninguém o disse de modo certo e categorico, dando uma definição de acordo com os factos. E' uma ideia vaga, flutuante, indefinida... pela qual entretanto se entusiasma as turbas!

Gente, com fumo de sapiência, aventura vagamente que a pátria é a «comunidade de interesses»... Comunidade de interesses entre quem?

Mentira. Dentro da pátria não há comunidade de interesses de nenhuma espécie. Não há harmonia de aspirações, nem de sentimentos, nem de interesses materiais dentro de certas fronteiras marcadas sobre o mapa.

Os patrões bem o sabem. Os capitalistas não têm pátria. Os capitais emigram, dão-se as mãos por cima das fronteiras, fazem ardente internacionalismo. Os seus interesses estão por toda a parte, o patriotismo não lhes importa... a não ser para enganar os outros.

Que os trabalhadores façam o mesmo. Os seus interesses estão igualmente por toda a parte. O internacionalismo é a sua arma.

«Proletários de todos os países, uni-vos!» é o grito que, despresando todos os confins, significa o toque a reunir para a batalha decisiva.

ASSINEM **Os mistérios do Povo**

TEATRO APOLO

Emp. Ruas - Telef. N. 4929

HOJE

Festa artística de RAFAEL MARQUES

com a tragédia de Shakespeare

OTELLO

Protagonista:

Rafael Marques

com a tragédia de Shakespeare

TEATRO AVENIDA Telef. N. 4356

COMPANHIA SATANELA-AMARANTE

ÚLTIMAS representações do

PÃO DE LÓ

com o FADO DO SOLDADO

A 4 de Junho—Inauguração da Época de Verão com o «vauvau» de E. Rodrigues, F. Fernandes e João Bastos

O DR. DA MULA RUÇA

?

O chefe Aleixo da polícia encontra-se há tempos ao serviço da Câmara Municipal. E até aqui nada há que motive a nossa estranheza, nem o ponto de interrogação que encabeça estas linhas. Mas — e aqui cabem a nossa estranheza e o ponto de interrogação a que acima nos referimos — como conseguiu ele tornar-se proprietário dum Citroën, mas dum dos mais caros, e mais luxuosos automóveis daquela marca? Não acreditamos, nem ninguém acredita, que o seu vencimento de chefe de esquadra policial lhe permita gozar aquela comodidade, aquele conforto, aquele luxo que é vedado a toda a gente, excepto aos nababos.

Será o chefe Aleixo um alquimista, daqueles antigos e empiricos alquimistas que transformavam um bloco de gelo numa barra de ouro? Chefe Aleixo não dá explicações a esse respeito. Limita-se a passar com o seu «Citroën» de luxo e quem estranha que um chefe de família viva como um banqueiro que quebra a cabeça a decifrar o enigma... Mas, portentosos e nababescos Aleixo, para adquirir um «Citroën» de luxo basta ser chefe de polícia? Não deve bastar, visto que os seus colegas apenas conseguem andar de eléctrico — e gratuitamente...

A propósito das acusações ao «xefe» Xavier

recebemos uma carta que contém revelações interessantes

Recebemos uma carta do sr. Carlos Araújo em resposta àquela que Armando Martins nos enviou. Por ser redigida em termos incorrectos, não lhe damos inteira ou incondicional guarida. Como a nossa lealdade é sempre igual, diferindo apenas a consideração pelas pessoas que se nos dirigem, limitamo-nos a uma súplica da carta agora recebida, encerrando já este incidente por nas nossas colunas não terem cabimento as polémicas pessoais.

Declara o sr. Carlos de Araújo, aparte cousas que nos não interessam, e muito menos aos leitores, que foi indicado como testemunha pelo agente Pê e Sousa nas suas acusações ao chefe Xavier. Por nada saber, nem ter sido constituído para servir de testemunha, nada quis declarar.

Diz também que esta sua atitude muito contribuiu para esclarecer os factos e para se prestar justiça a quem é devida. Talvez a propósito, diz-nos que com os radicais já conspirou contra o sr. Antonio Maria da Silva, tendo sido preso. E nada mais nos declara o sr. Carlos Araújo, ex-sindicalista, ex-comunista, ex-radical, ex-tudo e nada explicito.

O grande desastre ferroviário

MUNICH, 26. — O número de vítimas do desastre ferroviário eleva-se a 35 mortos, 75 feridos graves e 140 ligeiros. Os funerais serão revestidos de grande importância, tendo sido proibidos todos os divertimentos nesse dia, e achando-se todas as bandeiras da cidade a meia haste. — (L.)

PEREIRA — Alfaiate

R. da Prata, 266, 1.º

FATOS RECLAME A 295\$00

INCENDIO

Pelas 19,20 de ontem declarou-se incêndio com intensidade na loja de capelaria rua de Alcântara, 31-A e 31-B, pertencente a Lucinda Meira.

Deu causa ao fogo uma menor de 13 anos, Maria Margarida, pois quando arrumava artigos de fogo de artifício, este incendiou-se e comunicou a todo o estabelecimento. Compareceu material dos quartéis 1, 6, e 10, voluntários do Campo de Ourique, Adjuntado Ribeiro e Marcelino.

— A menor que involuntariamente deu causa ao incêndio teve que fugir por uma janela para um pátio nas traseiras do estabelecimento.

No local juntou-se muito povo que era contido pela polícia da esquadra de Alcântara.

— A enfermaria de Santa Joana, do hospital de São José, recolheu, em estado grave, Maria Felismina Vargas, 86 anos de idade, natural de Constância, moradora na casa, a qual, ficou muito queimada no rosto, nos braços e no peito.

A defesa do franco

PARIS, 25. — Os srs. Aristides Briand e Raoul Péret, presidente do conselho e ministro das finanças, examinaram as medidas necessárias para consolidar o franco, e decidiram a criação dum «comité» de técnicos financeiros. — (H.)

Conflitos na Alemanha

BERLIM, 26. — Deram-se vários conflitos entre antigos combatentes e comunistas, com intervenção da polícia que foi apedrejada, tendo de carregar sobre os manifestantes e efectuando 20 prisões. — (L.)

Viagem aérea Paris-Tóquio

VARSOVIA, 26. — O grande avião francês Pelletier d'Oisy copotou no levantar voo para Moscova, na sua viagem Paris-Tóquio pela Rússia.

Os aviadores saíram ilenos, mas o aparelho não ficou em estado de Pelletier d'Oisy poder prosseguir a viagem. — (L.)

Coliseu dos Recreios

HOJE — às 9 e meia — HOJE

Torneio Internacional de Luta

Emocionantes combates finais

YAGO contra PIETROWITSCH

Kornatz-Weinura — Deglane-Grillo

GRANDIOSA FESTA ATLÉTICA

com surpreendentes números nunca vistos

Um touro derrubado pelas hastes

em plena arena do circo

Dois automóveis contra um homem

e outros fantásticos exercícios pelo colossal atleta japonês

Demonstração de várias lutas

ASSOMBROSO PROGRAMA

com as mais extraordinárias atrações

O Corpo de Salvação Pública é um feudo democrático onde a comissão executiva da Câmara Municipal posterga direitos para servir apaniguados

O Corpo de Bombeiros Municipais indiscutivelmente um dos mais úteis à população cittadina, encontra-se neste momento — talvez por contágio — transformado em campo de escândalos, não por culpa directa dos elementos da corporação, mas por obra e graça dos proteccionismos políticos da comissão executiva da Câmara Municipal.

Há meses foram abatidos aos efectivos do referido Corpo, dois bombeiros que optaram pelos cargos de chefe dos serviços de transportes, um, e o outro pelo de encarregado das oficinas de reparação de automóveis, cargos estes considerados auxiliares, mas equiparados, para efeitos de vencimento e disciplina, a chefes de secção, do Corpo Activo.

Sendo que, ultimamente, por ocasião dos concursos para chefes de secção, os supracitados bombeiros, valendo-se da sua situação de equiparados, requereram ao comando autorização para concorrerem. O comando, tendo ponderado o estabelecido no regulamento, de que aqueles cargos só poderão concorrer bombeiros de 1.ª classe e como os requerentes não possuíam tal categoria, indeferiu os requerimentos, depois de ouvir o advogado sindicado da Câmara Municipal.

Como é obvio, os requerentes não se satisfizeram com a resolução do comando; e, valendo-se das suas influências políticas, tão bem se houveram com a comissão executiva da Câmara, saltando por sobre o comando e o advogado sindicado, despachou como pode vê-se na seguinte ordem de serviço do Corpo Municipal de Salvação Pública:

«Bombeiros Municipais de Lisboa—Ordem n.º 114—Lisboa 18 de Maio de 1926

O comandante determina: 1.º Que se dê conhecimento de que foram recebidas neste comando as seguintes comunicações que transcrevemos:

Ao comandante do Corpo Municipal de Salvação Pública.

Encarrega-me a Presidência de vos comunicar para os devidos efeitos, que em sessão da Comissão Executiva realizada em 29 de Abril ultimo, foi deferido nos termos da informação, um requerimento de José Pais, Chefe dos Transportes Mecânicos do Corpo Municipal de Salvação Pública, em que pede, pelas razões que alega, passagem ao corpo activo do serviço de incêndios como chefe de secção.

Sobre este assunto foi prestada a informação n.º 284 deste comando, datada também de Abril ultimo, do seguinte teor:

Para informar foi enviado a este comando o processo n.º 231926, o qual devolveu iniciado pelo requerimento de José Pais, chefe dos Transportes Mecânicos deste corpo em que pede para ser reintegrado no corpo activo como chefe de secção, segundo as razões que alega no ultimo requerimento.

Cumprindo o preceituado nos regulamentos deste corpo, pedi-me o requerente autorização para se dirigir a v. ex.ª, e isto porque só a v. ex.ª Câmara tem competência para resolver o assunto que lhe diz respeito.

De facto tendo o requerente a equiparação a chefe, e abrindo-se o concurso para parte por chefes de chefes combatentes, é requerer para prestar essas provas, às quais segundo o regulamento, só podem concorrer bombeiros de 1.ª classe.

Suscitando-se dúvidas no meu espírito sobre se devia ou não admitir ao concurso, consultei o sr. advogado sindicado da ex.ª Câmara, e este em face do regulamento não prever tal caso, deu a sua opinião a qual me levou a indeferir o requerimento.

No concurso recentemente realizado para o preenchimento de vagas de chefes de secção, os concorrentes foram classificados pela seguinte ordem:

Bombeiro 18133.....	4,66 valores
6050.....	4,57
5142.....	4,36
32119.....	4,27
68214.....	4,26
73144.....	4,24
21121.....	3,93
11435.....	3,46
15413.....	3,06

Os dois primeiros já foram promovidos. Se o alto critério da ex.ª Câmara entender que deve deferir o requerimento pode o seu despacho ser lavrado de maneira que o requerente seja presente ao mesmo júri que presidiu aquele concurso a fim de prestar as suas provas, entrando depois na altura competente, em conformidade com a classificação que obteve, mas atendendo que de futuro só podem concorrer aos lugares de chefes os bombeiros habilitados com cursos especiais, proponho que a validade do mencionado concurso, que é de 2 anos, fosse excepcionalmente até à promoção do ultimo classificado, pois que terminado o prazo não poderá qualquer dos can-

didatos voltar a concorrer por não possuir aquela habilitação.

Quanto à acumulação de cargos em tempo oportuno poderá o assunto ser tratado. O Chefe da Secretaria, C. Oliveira.»

Este documento é a prova provada de que «quem não tem padrinho morre moiro». Pelo exposto se verifica que a comissão executiva da Câmara Municipal, quando se trata de proteger um correlecionário, sobrepõe-se a todos os regulamentos e praxes, não lhe importando mesmo vexar quem tem direitos respeitáveis.

A afirmação do comandante dos Bombeiros de que ao lugar de chefes de secção só podem concorrer bombeiros de 1.ª classe é categorica. Por isso, só a um escandaloso proteccionismo politico se deve o facto de tanto o requerente a que se refere o despacho da Câmara que atraz publicamos como Alfredo Albi Ferreira, chefe das oficinas de reparação de automóveis, a que diz respeito um despacho identico, terem preferido candidatos com maiores direitos.

Uma pergunta: Existe ou não um regulamento do corpo de bombeiros que impõe deveres aos incorporados?

Então, porque se não respeitam os direitos que o mesmo regulamento lhes consigna?

De tudo isto surge uma ilação: a comissão executiva da Câmara Municipal é a unica soberana. Democrática como é, está ali para desprezar os interesses dos municipios e os direitos dos funcionários e para servir em primeiro lugar a familia democratica. — Um bombeiro.

As grandes tempestades

BERLIM, 26. — Segundo noticias recebidas nesta cidade, sobre a Yugo-Slavia e a Hungria estão caíndo terribes tempestades acompanhadas de trovoadas, que têm causado já elevados prejuizos e algumas vítimas. — (L.)

Redem grandes fábricas metalúrgicas

MUNICH, 26. — Foram completamente destruidas pelo fogo as grandes fábricas metalúrgicas instaladas nos arredores de Passau ao sul da Baviera. Os prejuizos são elevadíssimos. — (L.)

Catastrofe de Toquio

TOQUIO, 25. — Informam de Hokkaido que dois mil cultivadores desapareceram na erupção vulcanica de ontem, tendo sido retirados até agora cinquenta cadáveres. — (H.)

A viagem aérea do Japão

VARSOVIA, 26. — O avião francês Pelletier d'Oisy, que está realizando um segundo «raid» Paris-Toquio, chegou a Varsóvia às 17 horas e 15 de ontem. — (H.)



Do estatuto confederal

CAPITULO I

DOS OBJECTIVOS

Artigo 1.º — A Confederação Geral do Trabalho constituir-se-á com os seguintes objectivos:

1.º — O agrupamento, sob a base federativa autónoma, de todos os trabalhadores assalariados no país, para a defesa dos seus interesses economicos, sociais e profissionais, pela elevação constante da sua condição moral, material e fisica;

2.º — Desenvolver, fora de toda a escola politica ou doutrina religiosa, a capacidade do operariado organizado para a luta pelo desaparecimento do salariado e do patronato, e posse de todos os meios de produção;

3.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para a ajuda mútua, numa comum intelligenciação, que conduza os trabalhadores de todo o mundo a sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

LER E ASSINAR

Os Mistérios do Povo

Telefone N. 5474

«Matinée» às 3 horas

«Noite» às 9 horas

TIVOLI

O fantasma do Moulin Rouge

História fantástica em oito partes

PARIS EM CINCO DIAS

Comédia em seis partes com o celebre artista russo

NICOLAS RIMSKY

UMA PANORAMICA

Uma comédia de desenhos animados

Na «matinée» têm entrada gratuita as crianças acompanhadas de suas familias

Teatro Nacional

Telefone N. 3049

HOJE

a representação da interessante peça

Papillon, bom rapaz

Nos principais papéis:

Maria Pia, Otelio de Carvalho, Albertina de Oliveira, António Pinheiro,

Alice Ogando, Ribeiro Lopes, Isilda de Vasconcelos e Emilia Fernandes.

'A Batalha' na provincia e arredores

Silves

Propaganda reacconária

SILVES, 25. — Esteve aqui nesta cidade o grande apologista e acérrimo defensor da pena de morte Cunha Leal, cuja propaganda foi muito aplaudida pelos reacconários desta cidade.

A sessão teve lugar no Teatro Gregório Mascarenhas, que estava repleto de parasitas que aplaudiram extraordinariamente os discursos dos pseudo-ditadores.

Cunha Leal manifestou-se contra as barricadas que o povo das provincias se levante em massa e marche sobre Lisboa para fazer a revolução contra os actuais detentores do poder. Espalhando-se em várias considerações afirmou-se conservador, manifestando-se abertamente pela pena de morte. Atacou largamente o movimento de emancipação proletária, tendo amesquinha a intelectualidade de Carlos Marx, Sorel e outros.

A entrada foi por meio de cartões, a fim de não serem consentidos operários nesta sessão.

E enquanto isto se passa os trabalhadores continuam mostrando pelos seus sindicatos uma criminosa indiferença. Se ela persistir não se queixem dos maus resultados que há de inevitavelmente colher!

O ciclone em Calcutá

CALCUTÁ, 28. — O ciclone que passou sobre esta cidade, fez afundar sete navios e garrar oito grandes paquetes. Um guindaste esmagou quatro carruagens de caminhos de ferro, ficando igualmente destruidas as linhas telegráficas e telefónicas que atravessam a cidade, que sofreu importantíssimos prejuizos. — (L.)

A água do Andaluz

Reuniu a comissão de defesa e melhoramentos da água do Andaluz, tomando conhecimento do estado das obras a que se anda procedendo junto ao arco de São Sebastião da Pedreira para o assentamento da nova canalização e deliberou pedir a conclusão rápida das referidas obras, visto que se aproxima a época de maior consumo de água.

Resolveu distribuir novos cartões de identidade a todos os seus componentes, a fim de evitar que pessoas estranhas a esta comissão se apresentem como a ela pertencendo. Os novos cartões são impressos, tendo a data em que a comissão foi nomeada, em comício publico, e o título igual ao carimbo, com a nova sede.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Inabilidade General Sousa Brandão.

Reuniu-se a assembleia geral desta colectividade mutualista, tendo o presidente assistido o feto de, por coincidência, a assembleia se realizar no dia em que passava o centenário do nascimento do general Sousa Brandão. Foi aprovado o relatório e contas da gerência de 1925, o qual accusa recebidos 22.319\$72 e pagos 14.496\$90. Por um dos mapas publicados, mostra-se que a Associação tem pag subsídios a 187 sócios na importância de 58.190\$20, tendo recebido destes sócios, em cotizações, 118\$93\$03. Foi resolvido intensificar a propaganda da Associação, o que os corpos gerentes em breve vão iniciar.

SOCIEDADES DE RECREIO

Liga Pró-Moral. — Realiza-se no próximo domingo, pelas 14 horas, uma *matinée dancing* no Odeon Club, rua da Boa Vista, 69, 1.º. As 21 horas haverá uma *soirée* cheia de atractivos.

Grémio Civil do Monte. — Hoje, assembleia geral, pelas 20 e meia horas.

Tuna Recreativa Tondolense. — Hoje, quinta-feira, pelas 21 horas, realiza-se uma «soirée» dançante, abrihantada pelo Grupo de Bandolinistas Boa União e promovida pela Comissão da Excursão a Tondela.

A Portugal. — Hoje há baile.

Ocorrências diversas

Depois de pensado no pósto da Cruz Vermelha, deu entrada na Sala de Observações do Banco do Hospital de São José, Joaquim Rodrigues, de 14 anos, trabalhador, natural e residente no Pragal (Almada) e que ali caiu de uma carroça, ficando com o crâneo fracturado.

— Na enfermaria de Santo António do Hospital de São José, deu entrada ontem Ricardo de Figueiredo, de 14 anos, aprendiz de caixoteiro, natural de Lisboa e residente na rua da Cruz em Alcântara, o qual, no dia 22 ultimo, foi colhido por uma roda de uma carroça, em Santo Amaro, ficando contuso pelo corpo.

— A Sala de Observações do Banco do Hospital de São José, recolheu Gregório Feliciano de Jesus, de 4 anos, filho de António Feliciano e de Maria de Jesus, natural e residente em Talaide, freguesia de São Domingos de Rana, o qual ali caiu de um muro, ficando muito ferido na cabeça.

— Na Sala de Observações do Banco do Hospital de São José faleceu ontem a tarde o 1.º sargento condutor de máquinas da Armada que, na noite passada, tentou, na Casa de Reclusão Naval, na Junqueira, suicidar-se com um tiro no ouvido direito.

— Deu ontem entrada na Morgue o cadáver de Joaquim Pinto, vigia do vapor de pesca «Maria Vitória» que apareceu a boiar a tona de água, junto à doca de Alcântara.

TEATRO DO GIMNÁSIO

HOJE — HOJE



O desrespeito de Norton pela personalidade moral alheia

Francisco Cordeiro Peres Branco é o nome do bacharel ex-juiz do Tribunal da Relação de Lourenço e membro do Conselho Legislativo de Angola. Foi ele que, não tendo forças suficientes para dar a sua revolta íntima, empunhou uma pistola para fazer saltar os milos do ditador.

Porquê? Como explicar que um juiz, um advogado, um parlamentar, não tivesse forças para sufocar a sua revolta, a fim de evitar um exemplo de indisciplina, um escândalo, um acto que o fez descer às esferas sociais da raia?

Como pode ser, um julgador, um juiz, uma alta entidade oficial e social decidir-se a empunhar uma *Browning* para roubar a vida do Alto Comissário da República em Angola?

Estaremos nós enganados? Não, não estamos: foi o sr. dr. Branco, o ex-juiz, o ex-membro do Conselho Legislativo quem decidiu dirigir-se ao Palácio, de pistola em punho, para matar José Mendes Ribeiro Norton de Matos.

Não o vimos, mas estávamos perto, à distância de poucos passos. Ouvimos os 3 tiros que ele disparou contra duas vítimas, desigualmente felizes.

Mas porque, porque pretendia o vogal matar o presidente da Câmara?

Entre outras causas, que existiam, a principal foi o absolutismo, o orgulho, a vaidade e o nenhum respeito de Norton de Matos pela personalidade moral alheia.

Na tribuna da Câmara a que presidia, Norton proferia, como já dissemos, meia dúzia de palavras sobre qualquer assunto em discussão. Tão poucas e tão falhas de originalidade e interesse, que meia hora depois os *camareiros* já não recordavam o grande discurso do presidente. Mas para que se não esquecessem, Norton, quinze dias ou um mês depois lembrava-lhes a longa alocução proferida, mandando-lhes a casa, por um servente da Imprensa Nacional, a acta do Conselho, onde os vogais encontravam a reprodução *fiel* das palavras do *ilustre tribuno de caserna*.

Ficavam surpresos? Sem dúvida. Quando o presidente tomava a palavra tudo dormia. Apenas os laquinhos velavam... O doutor Cordeiro Branco era *especialista*. Ouigo: foi o general que o presidente havia *acreditado* que o presidente havia pronunciado todas as palavras constantes das páginas da acta, mas o juiz afirmava categoricamente que o general escrevia em casa o que lhe apetecia e depois mandava para a Imprensa, tendo o descaramento de aparecer a público com o que ninguém ouviu nem ele dissera no Conselho.

Em Silves realizou-se um grande comício de protesto contra a crise algarvia

SILVES, 22.—Na sede do Sindicato dos Corticeiros realizou-se um imponente comício de protesto contra a grande crise de trabalho que em toda a provincia do Algarve se faz sentir. Presidiu Gregório Cordeira, secretário-geral de Aarão Rocha e Vicente de Almeida. O presidente, em breves palavras, explicou a situação que o povo foi convidado a comparecer neste comício.

Augusto César da Silva explicou quais os fins para que se organizou este e outros comícios que em quasi todas as localidades do Algarve se têm realizado. História quais as causas que contribuem para a pavorosa miséria que em todo o Algarve se faz sentir. Relata cenas de horrorosa miséria que em todas as localidades algarvias se nota, mormente em Orlhão.

António Franco saudou, em nome dos operários de Portimão, todos os operários de Silves, incitando, principalmente, os da construção civil a organizarem-se nos seus sindicatos profissionais, pois só bem organizados é que poderão formar um forte dique à pavorosa miséria que em todos os lares assentou arraiais.

José Negreiro Buzel principia por saudar os velhos operários corticeiros, seus antigos companheiros de luta. Realça os benefícios da organização operária, e como exemplo, aponta a forte baluarte dos operários da indústria corticeira de Silves. De-monstra quais os efeitos da apatia e da parte dos produtores em não se organizarem sindicalmente, pois que, se neste momento se encontrassem fortemente organizados, não teriam, talvez, chegado à miséria pavorosa que ora se encontram. Diz que Silves, não sentindo fortemente a crise de trabalho como Orlhão, Portimão, Lagos e Vila Real, não deixa contudo de ter dentro do seu seio uma forte legião de famintos; portanto espera que os operários de todas as indústrias que em Silves residem saibam formar o seu forte e ativo protesto, como os explorados de toda a provincia já o fizeram.

É necessário que o povo algarvio diga bem alto que não está disposto a morrer de fome, indo até junto dos poderes constituidos reclamar tudo a que tem incontestável direito; é preferível morrer na rua com um tiro, do que em casa com fome. (Fortes aplausos).

Relata o que é a pavorosa miséria que em todo o Algarve se nota, fazendo ressaltar quais os principais factores. E como factor principal aponta a grande falta de sardinha, historiando quais as causas do seu desaparecimento.

Com grande energia:

Se em todo o Algarve os produtores lutam com a falta de trabalho, é necessário estudar-se a maneira de a debelar.

Sobre a indústria corticeira aponta quais as causas da sua crise e a maneira de a debelar. O orador, que durante largo tempo prendeu a numerosa assistência com o seu verbo fluente, foi no final da palestra saudado entusiasticamente.

José Viegas, dos marítimos de Orlhão, em rudes mas sinceras palavras relata a pavorosa miséria que nos lares dos trabalhadores marítimos daquela localidade se nota. Diz que as causas principais de tal anomalia é a falta de vigilância por parte dos barcos de guerra portugueses em todo o litoral do Algarve, podendo os galeões es-

Mas será verdade? Terá sido assim? E' verdade; Norton fazia assim mesmo. Falamos assim, afirmamos, porque nos não resta sombra de dúvida.

A meia dúzia de palavras que proferia mas *córies* de Angola, Norton acrescentava, em casa, mais duas dúzias e meia e depois é que mandava o original para a Imprensa. Mandava compor e tirar provas, para lhe mandar, concentrando os graneis em papel de largas margens.

Revistas por ele, quando devolvia as provas à tipografia, as margens iam cheias, recomendando que lhe mandassem novas provas, depois da revisão do revisor. Só quando se considerasse plenamente satisfeito é que terminava por mandar publicar a acta.

Mas, assim como ele se satisfazia de ver as suas palavras impressas, devia ter em vista que nem só ele tinha direito a dizer que falava, que expunha e escrevia. O dr. Branco tinha defendido ou condenado pontos de vista de assuntos em discussão; tinha elaborado os seus projectos, discutido, emitido os seus pareceres, aprovado ou reprovado, justificando a sua opinião, por vezes em prolongados discursos para cuja composição o tipógrafo não tinha tempo.

E quem dizia que não havia tempo disponível era Norton de Matos.

O dr. esperava, com interesse e ansiedade, a acta do Conselho, mas quando a abria e avidamente procurava o longo espaço que esperava ocupado pelas suas palavras, era para ele uma decepção ao ter apenas poucas linhas para repetir um redundíssimo número dos vocábulos proferidos.

A uma decepção, outra se seguia. Era o bicho que não deixava publicar.

—Vou matar aquele cão raivoso!... —disse o doutor lá para os seus botões.

E segurando a pistola que Norton lhe meteu na mão, no dia 13 de Junho, às vinte e uma horas, o doutor dirige-se ao Palácio para tirar a vida ao militar odiado e perseguido. Ia tão cego que ao ver passar um cão pela sua frente, próximo da estátua de Salvador Correia, desfechou logo contra ele.

Mas o cão foi feliz, escapou; tão feliz não foi o chauffeur que, não deixando entrar o dr. Branco no Palácio, foi atravessado por duas balas, ficando morto e deixando a mãe na miséria!

Norton é embaixador de Portugal em Londres, e o dr. Branco passeia nas ruas de Lisboa!

Correia de SOUSA

panhóis vir de uma maneira desafortada, tirar-nos o pouco peixe que ainda nos resta. João Gonçalves Pires, em nome da comissão central do povo trabalhador algarvio, saudou o povo trabalhador de Silves. Explicou os fins para que foi organizada a comissão, dizendo que esta comissão safu do meio do povo faminto. Entende que o governo atende as justas reclamações do povo algarvio, ou este leva o seu protesto até onde entender. Relata os trabalhos que a mesma comissão tem levado à prática; diz que se o povo não se movimentar, terá que morrer de fome, como já em Orlhão e Portimão se tem verificado, pois que em Portimão, devido a fome, há poucos dias um operário se matou, preferindo acabar com os seus dias, a ver morrer os seus entes queridos de fome. Apela finalmente para a unidade de todos, pois que só da união sai a força.

Domingos Passarinho apela para a consciência de todos os seus companheiros para que no sindicato se unam, pois que só da união sai a força.

José dos Reis Cerqueira, da J. S. de Silves, apela para a consciência da mocidade, pois os jovens são os pioneiros do futuro.

No final foi lida uma moção com as seguintes conclusões:

«O povo de Silves refreído em comício público, cónscio dos seus deveres e direitos, em movimento genuinamente popular resolve:

a) Reclamar dos poderes constituidos imediatas providências no sentido de se debelar a terrível crise de trabalho por que está passando o Algarve, principalmente Orlhão;

b) Reclamar ainda uma fiscalização séria e rigorosa na costa do Algarve, a fim de que outros não nos levem aquilo de que tanta necessidade temos e a que temos mais direito;

c) Nomear a comissão abaixo indicada, a quem confere solenemente plenos poderes para defender os seus interesses colectivos, perante quem quer que seja e em qualquer lugar, podendo levar a sua acção e o seu protesto até onde seja preciso.» — C.

«O povo de Silves refreído em comício público, cónscio dos seus deveres e direitos, em movimento genuinamente popular resolve:

a) Reclamar dos poderes constituidos imediatas providências no sentido de se debelar a terrível crise de trabalho por que está passando o Algarve, principalmente Orlhão;

b) Reclamar ainda uma fiscalização séria e rigorosa na costa do Algarve, a fim de que outros não nos levem aquilo de que tanta necessidade temos e a que temos mais direito;

c) Nomear a comissão abaixo indicada, a quem confere solenemente plenos poderes para defender os seus interesses colectivos, perante quem quer que seja e em qualquer lugar, podendo levar a sua acção e o seu protesto até onde seja preciso.» — C.

O descanso dominical dos barbeiros

A União dos Empregados dos Barbeiros de Lisboa, sentindo ameaçada a regalia do descanso dominical que a classe conquistou à custa de grande esforço, fez distribuir ontem o seguinte manifesto:

«Os lojistas barbeiros, não satisfeitos em terem miseravelmente desrespeitado a lei do horário de trabalho, tentam, por meios jesuíticos, segundo as deliberações gerais, roubar-nos o descanso dominical, reivindicando essa que em 1923 a nossa classe conquistou a muito custo.

E' preciso fazer-lhes lembrar que os empregados barbeiros já mais consentirão que a classe volte ao tempo da escravidão e para lho fazer constatar, num arranço decisivo, convida a classe em geral a assistir à grande assembleia magna que se realiza na nossa sede, pelas 21 horas, do dia 27 do corrente. — A Comissão.

Com grande energia:

Se em todo o Algarve os produtores lutam com a falta de trabalho, é necessário estudar-se a maneira de a debelar.

Sobre a indústria corticeira aponta quais as causas da sua crise e a maneira de a debelar. O orador, que durante largo tempo prendeu a numerosa assistência com o seu verbo fluente, foi no final da palestra saudado entusiasticamente.

José Viegas, dos marítimos de Orlhão, em rudes mas sinceras palavras relata a pavorosa miséria que nos lares dos trabalhadores marítimos daquela localidade se nota. Diz que as causas principais de tal anomalia é a falta de vigilância por parte dos barcos de guerra portugueses em todo o litoral do Algarve, podendo os galeões es-

Realiza-se hoje, pelas 21 horas, a grande sessão magna para tratar de assuntos de grande interesse para a classe. Pela importância do assunto a tratar, é conveniente que nenhum metalurgico, sócio ou não fale a

Realiza-se hoje, pelas 21 horas, a grande sessão magna para tratar de assuntos de grande interesse para a classe. Pela importância do assunto a tratar, é conveniente que nenhum metalurgico, sócio ou não fale a

Horário de trabalho

Empregados no comércio

Tendo o governador civil de Lisboa a pedido do Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria publicado uma nota oficiosa chamando a atenção do patronato para o cumprimento do horário de trabalho, deve pois o caixeiro participar à sede deste Sindicato, Largo de S. Domingos, 11-J, 2.º, quais as casas comerciais que não cumpram com o que se acha estatuido na referida nota oficiosa, a fim de se proceder.

Trabalhadores de carnes verdes

A direcção da Associação dos Trabalhadores de Carnes Verdes e conjuntamente a comissão de vigilância resolveram intensificar a fiscalização do horário de trabalho e autorar todos os talhos que se encontrem abertos depois da hora regulamentar.

As costureiras de Aldegalega

A autoridade administrativa desta terra tentou fazer cumprir o horário de trabalho no comércio, o que com certa dificuldade vai conseguindo, em parte.

As demais classes continuam a ser escravas do patronato sem que a autoridade se importe com este estado de coisas, estando neste caso as pobres costureiras que dia a dia se definham, dando que fazer aos médicos e gastos nas farmácias, pois a tuberculose é tanta que obriga estas desgraçadas a entrarem para as oficinas às 8 horas da manhã, e saírem às 8 da noite, tendo somente meia hora para refeição, quando têm, pois que a muitos delas vai a comida à oficina, porque os patrões não querem que se perca tempo algum.

CONFERÊNCIAS

"A brasileira de Prazins"

A'manhã à noite realiza o sr. dr. Ludovico de Menezes, na Universidade Popular Portuguesa, uma conferência sobre Camilo Castelo Branco, lendo e comentando «A brasileira de Prazins», havendo em seguida sessão cinematográfica.

"Indústria do ferro"

Na secção da Universidade Popular Portuguesa que funciona no Sindicato Unico Metalurgico, rua da Esperança, 122, 2.º, efectua hoje o professor sr. Ferreira Simas, pelas 21 horas, a terceira conferência da série «Indústria do ferro». A conferência é acompanhada de projecções luminosas, sendo a entrada franca.

Aos metalúrgicos — Realizando-se hoje na secção da U. P. P. instalada no S. U. Metalurgico mais uma conferência da serie «Indústria do Ferro», aconselhamos os operários metalúrgicos a que não falem a ela. E' preciso que o indiferentismo que até hoje os metalúrgicos têm tido por tudo quanto seja assuntos educativos termine. Não faz sentido que os operários que trabalham o ferro — descurando quasi completamente a sua educação profissional — não conheçam da sua origem e dos diversos tratamentos que sofre até chegar às suas mãos. Foi por isso que se constituiu neste sindicato uma comissão que trabalha no sentido de realizar diversas conferencias educativas. E', portanto, necessário que os metalúrgicos sindicados abandonem o seu comodismo e compareçam a estas conferencias, o que lhes fará despertar o gosto pelo estudo, correspondendo assim aos esforços dispendidos pela U. P. P. e outras entidades que por estes assuntos se interessam.

"Os limites da região do Minho"

Na sede do Gremio do Regionalismo. A li-mitação da antiga Comarca de Entre Minho e Douro do século XVI, manuscrito da Biblioteca Municipal do Porto. — Pareceres e comunicações do coronel sr. Mario de Campos, da Escola de Guerra; dr. Mendes Correia, da Universidade do Porto; e Aristides de Amorim Girão, da Universidade de Lisboa.

Secção Telegráfica

C. G. T.

União dos Jardineiros do Porto. — Em A Batalha não foi recebida a referida moção. Devem enviar novamente a sua cópia a fim de ser publicada.

União dos Sindicatos Operários de Evora. — Recebemos officio e dinheiro. Segue expediente.

Federações

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Evora — Recebemos os officios e segue a fotografia. Podem servir-se do expediente.

Núcleo de Silves — Idem.

Núcleo de Faro — Idem.

Núcleo de Gouveia — Segue o carimbo.

METALÚRGICA

Comité Metalúrgico do Norte — Segue o officio e vale do correio. Acusem recepção, e enviem recibo.

Sindicato Metalúrgico da Covilhã — Seguem os livros requisitados.

Sociedade de Instrução e Beneficência "A Voz do Operário"

Rua da Voz do Operário, 13

E' convocada a assembleia geral a reunir na quinta-feira 27 do corrente, pelas 21 horas.

ORDEN DOS TRABALHOS

Eleição dos corpos gerentes para o ano económico de 1926-1927.

Sendo a eleição continuada de trabalhos, a assembleia funciona com qualquer número de sócios.

Lisboa, 25 de Maio de 1926. — O presidente da assembleia geral, António Pereira Coelho.

INCONSCIENCIA OU TRAIÇÃO?

Trabalhadores inimigos da C. G. T. e da sua própria associação de classe

Recebemos a seguinte carta que passamos a reproduzir:

Camarada redactor: — Tem esta o fim de esclarecer a attitude da comissão administrativa do Sindicato dos Operários Confeiteiros, Pasteleiros, Chocolateiros e Anexos perante os factos lamentáveis que se produziram na última assembleia geral realizada.

Quando tomaram posse os corpos gerentes do ano que decorre, a classe já era nessa altura confederada, notou a comissão administrativa que a cotização era feita de uma forma bastante precária. A comissão administrativa que nos antecederá não tivera o cuidado de pôr de parte o velho processo de cobrança e de requisitar a C. G. T. o expediente a fim de que a nossa adesão se materializasse. Foi este um dos nossos primeiros cuidados. Requistamos os selos-cotas e as cadernetas confederais que reputámos necessários à nossa população associativa, mas, com grande espanto nosso, alguns componentes da classe recusaram-se a aceitar o expediente confederal.

Tempos decorreram sem que esses componentes se demovessem da sua attitude, a-pesar de com eles termos instado, fazendo-lhes sentir que a sua teimosia causava grandes prejuizos à classe. Essas criaturas que chegaram a ser em numero nua violente e injustiça contra a comissão administrativa ameaçando-a com a fundação duma outra associação de classe.

Em face disto, pois julgávamos estar numa situação indefinida e até bastante ridicula resolvemos convocar a assembleia geral, à qual apresentámos a situação em que, perante as classes organizadas, nos collocavamos os que não acatarem as resoluções das nossas assembleias. Constatou da ordem dos trabalhos a «materialização da adesão à C. G. T.». Depois de longamente debatido o assunto foi reforçada a nossa adesão. A C. A. ficou satisfeita e julgando o caso liquidado duma vez para sempre, cumpriu com o que era seu dever distribuindo a cada sócio uma caderneta confederal e organizando a quotização com os selos-quotas. Nova decepção! O torpe agrupamento não havia desistido da sua nefanda obra, e foi assim, camarada redactor, que se deram os factos que vos decerto já conheceis, que originaram a demissão colectiva dos corpos gerentes e que eu, secretário geral, não tenho desejo moral de vos narrar. — D. v. etc, etc, Aleu Rocha.

Os açucareiros coloniais preparam um novo assalto aos consumidores

Os negociantes de açúcar colonial entenderam que o país inteiro deve ser tão submisso aos seus privativos interesses, como a população duma roça o é ao individuo sem escrúpulos que a brutaliza e explora. A exploração de açúcar nas colónias é uma história monstruosa — a história, infelizmente, ainda por fazer dos maus tratos infligidos aos negros que trabalham nas plantações — insultos acrescidos pela mais vergonhosa e criminosa das explorações exercidas sobre o salário.

Entenderam esses negociantes que a passividade dos brancos tem que ser igual à resignação dos negros e vá de ramalharem medidas alfandegárias que collocarem o açúcar estrangeiro na situação de não poder fazer a mais leve concorrência ao açúcar colonial — fim de, por meio duma disposição enocodante e proibitiva, poderem elevar excessivamente o preço do custo desse produto de indispensável aquisição por todos os consumidores.

As fronteiras em Portugal são principalmente fortalezas onde se defende com unhas e dentes a entrada dos productos estrangeiros para que os gananciosos que se encontram dentro do país possam sem intelligencia, nem trabalho, arredondar prodigiosamente suas fortunas escandalosamente imorais e fáceis.

Os patriotas têm o sentimento das fronteiras, restringindo as pautas alfandegárias. E os patriotas do açúcar invocam neste momento a sua nacionalidade para conseguirem que o açúcar carença — rapidamente — cerca de \$80 em cada quilo.

Vemos se este governo de lama e de podridão estará disposto a consentir que os «patriotas» açucareiros cometam mais um escandaloso roubo, assaltando os consumidores com um aumento que só na sua moral com sede na Serra Morena pode encontrar uma justificação verdadeira...

Ciúme e alcool

Informam-nos do hospital de São José:

No logar de Chão de Meninos, na freguesia de São Pedro, do concelho de Sintra, de onde são naturais, residem o jornalista José António da Fonseca, de 43 anos, e sua mulher Domingas da Conceição, de 42 anos. O José, que é um tanto ciumento, quando se embriaga tem por hábito embriagar com a mulher a quem insulta e maltrata. Anteontem à noite, quando a Domingas já se encontrava delirada, repetiu a scena, mas desta vez com mais graves consequências, pois que o José se muniu de uma faca com a qual vibrou cinco facadas no ventre da mulher. Aos gritos da ferida acudiram várias pessoas que a transportaram a Sintra, onde lhe foram ministrados os primeiros socorros, seguindo depois para Lisboa e dando entrada no hospital de manhã, no hospital de São José, em cujo Banco foi operada, recolhendo em seguida em estado grave à Sala de Observações. O agressor deu entrada na cadeia daquela vila.

Atrás de música todos vão...

BERLIM, 26.—As manifestações dos comunistas, efectuadas no domingo passado em Berlim, decorreram com toda a calma. Desfilaram nas ruas da capital com música e bandeiras, assim indo até ao campo de Tempelhof, onde foram pronunciados vários discursos. Numerosos manifestantes vieram da provincia em caminhões-auto-móveis. Nenhum incidente se deu. — (H.)

A crise social inglesa

Um "ultimatum" do governo

LONDRES, 26.—Sabe-se que o sr. Baldwin declarou que, desde o dia 31 do corrente, a industria do carvão não receberá mais quaisquer subvenções do governo, devendo os proprietários entender-se directamente com os trabalhadores. Alguns jornais consideram um «ultimatum» esta decisão. O *Daily Herald* diz que os mineiros correm o risco de ver reduzidos os seus salários. O mesmo jornal acrescenta que o governo fecha a última porta no momento em que tornava mais vantajoso para os proprietários. — (H.)

Luta de galos

LONDRES, 26.—Lord Asquith, «leader» liberal, dirigiu no dia 20 do corrente uma carta a Lloyd George, censurando a sua attitude durante a greve geral, especialmente um artigo pessimista que o sr. Lloyd George escreveu sobre o caso na imprensa americana. Lloyd George respondeu a Lord Asquith justificando a sua attitude durante a greve, e declarando que o seu artigo na imprensa americana foi desaturado, terminando por declarar que está pronto a encontrar-se com os seus colegas para discutir a situação, se isso for útil e necessário. — (H.)

Os efeitos nos meios políticos

LONDRES, 26.—Foi publicada a correspondência trocada entre Lord Asquith e o sr. Lloyd George, «leaders» do partido liberal, na Câmara dos Lordes e dos Comuns, respectivamente.

Em carta datada de 26 de Maio, o conde de Oxford critica Lloyd George pela sua attitude em face da greve geral, assumida num artigo publicado na imprensa estrangeira, sobre a situação criada pela greve na Inglaterra, e dizendo aguardar a reunião dos «leaders» do partido para apreciar mais profundamente aquela falta, que considera «impossível de reconciliar com as obrigações de camaradagem politica».

Na sua longa resposta, Lloyd George justifica todas as suas declarações feitas em público durante a greve, exprimindo a opinião de que as cartas escritas pelo conde de Oxford e por Lord Grey durante o período da greve, o foram em completo desacôrdo com a politica liberal.

Lloyd George afirma aguardar serenamente a reunião dos «leaders» do seu partido, para prosseguir a discussão daquelas cartas e manter o seu artigo jornalístico, escrito no primeiro dia da greve e traduzindo substancialmente a sua correcta impressão da situação naquele momento.

Lloyd George confessa-se absolutamente disposto a discutir a sua posição com Lord Asquith e com os seus outros colegas liberais, se tal facto é considerado como útil para o partido. — (L.)

O secretário dos mineiros desmaia

LONDRES, 26.—Pela terceira vez dentro duma semana, o sr. Cook, secretário da federação dos mineiros, desmaiou quando ontem discursava em Radstock.

O excesso de trabalho e a falta de descanso têm sido a origem destes accidentes. Depois de ter recebido cuidados médicos, o sr. Cook melhorou largamente, esperando-se que possa retomar hoje a sua vida normal. — (L.)

FESTAS ASSOCIATIVAS

Sindicato da Construção Civil do Porto

Realiza-se no próximo sábado, pelas 21 horas, uma velada social em que tomarão parte diversos cultores da canção social, assim como um grupo de guitarristas.

Um sinistrado de accidente de trabalho que não come há dias por não lhe serem pagos os seus subsídios

O estivador Zitume Kadore, de nacionalidade turca, foi contratado pela agencia de navios «Garland Laiden», com sede na travessa do Corpo Santo, 10, 2.º, para fazer uma viagem do Pará para Lisboa a bordo do vapor *Aida*. De harmonia com o contrato o Zitume embarcou no dia 18 de Fevereiro no Pará e chegou a Lisboa no dia 6 de Março do corrente ano. Como durante a viagem uma chapa de ferro caísse em cima de um pé do Zitume ele teve que recolher ao hospital de São José, onde se conservou até ao dia 20 de Maio.

O facto teria aqui o seu epilogo se não se desse a circunstancia daquela agencia se recusar a pagar o subsídio que a lei dos accidentes de trabalho estabelece para os sinistrados nas condições de Zitume. E como tal não se deu, o referido operário, como nos disse ontem, está privado de todos os recursos, está sem comer há dias e sem esperanças de melhorar.

Zitume Kadore informou-nos que não lhe querem pagar o que lhe devem, nem lhe proporcionam os meios para regressar para a sua terra natal.

SOLIDARIEDADE

Comunica-nos o operário Germino Pereira ter recebido no dia 15 de Maio a quantia de 80\$00 de uma quota aberta nas obras do Manicómio de Lisboa.

A Associação do Registo Civil protesta contra a exploração de Fátima

A Associação do Registo Civil, em reunião da direcção, aprovou um indignado protesto contra a exploração clerical levada a efeito em Fátima, considerando-a como uma afronta infligida a todas as consciências livres, com a cumplicidade dos jornais de grande circulação.

Protestou igualmente contra o facto de ter apparecido em Fátima no dia 13 um aeroplano militar, decerto sem autorização do ministro da guerra, violando assim a neutralidade que o exercito tem de manter perante as manifestações de carácter religioso.

LILLE, 26.—As grandes festas de música foram favorecidas por um belo tempo, reunindo-se 280 bandas com um total de 13.500 exccutantes. Após um imponente desfile pelas ruas principais, em revista do *maire* de Lille, as bandas tomaram várias direcções e foram dar concertos successivos em coretos apropriados. Efectuou-se, por último, uma grande festa nocturna, durante a qual se queimou muito fogo de artifício com motivos luminosos e illuminando-se a estátua de Gambirinus. — (H.)

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

S. U. Metalúrgico. — Secção do Alto de Pina. — Reuniu-se ontem a comissão reorganizadora desta Secção dando despacho ao expediente. Resolveu que se efectue na próxima quarta-feira 2 de Junho uma sessão de propaganda metalúrgica na qual a Federação e a Central se farão representar por delegados.

Manufactores de Calçado. — Reuniu-se a comissão de propaganda pró defesa da tabela, tendo resolvido iniciar na próxima semana de Junho a propaganda pró levantamento da classe, em vários pontos da cidade.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

S. U. do Mobiliário. — Comité da Sede. — Pelas 21 horas.

Comissão Administrativa. — Pelas 21 horas.

Empregados no Comércio e Indústria. — Pelas 21 horas, a assembleia geral extraordinária deste sindicato com a seguinte ordem de trabalhos: Appear os trabalhos encetados para a defesa e conquista das realidades da classe; resolução sobre a fiscalização do horário de trabalho e descanso semanal; ampliar a comissão de melhoramentos para o melhor desempenho da sua missão.

Federação do Calçado, Couros e Peles. — A comissão administrativa, às 21 horas.

Federação da Construção Civil. —

Às 21 horas, conjuntamente, o conselho federal e o conselho geral da Bolsa de Trabalho, para tratar especialmente da crise de trabalho.

Encadernadores e Anexos. — Às 21 horas, a assembleia geral com a seguinte ordem: Nomeação da comissão revisora de contas e secretários da assembleia geral; apreciação de uma proposta da direcção; assuntos diversos.

Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares. — Pelas 21 horas, o secretariado.

Federação dos Transportes Marítimos e Fluviais. — Às 21 horas, a comissão administrativa.

DIAS PROXIMOS:

S. U. Metalúrgico. — Secção do Alto de Pina. — Com as camaradas cobradoras reúne a comissão reorganizadora, pelas 20,30 horas, amanhã.

SINDICATOS DA PROVINCIA

Manipuladores de Pão de Santarém.

Reuniu-se esta classe em assembleia geral para apreciar o pedido de demissão do secretário geral, resolvendo a classe aceitar, e nomeou Amado para o substituir, que aceitou. Foi também nomeado novo secretário administrativo, pelo motivo de